

PARCERIA ENTRE HOMENS E MULHERES

Maria Tereza Maldonado

Mestre em Psicologia pela PUC/Rio de Janeiro
 Membro da American Family Therapy Academy
 mtmaldonado@mtmaldonado.com.br

Desde o começo da história da humanidade, mulheres e homens ocuparam diferentes lugares na sociedade. Houve épocas em que as mulheres foram mais valorizadas e tiveram mais poder, como nas sociedades matriarcais; em outras épocas, as mulheres foram (e ainda são, em muitos países) maltratadas e inteiramente subjugadas pelos homens.

Dizem os estudiosos do assunto que a repressão da sexualidade e a negação da sabedoria feminina, presentes em muitos períodos da História, serviram ao propósito de aliviar o medo que as mulheres inspiravam por seus conhecimentos e poderes misteriosos. As mulheres foram vistas como deusas e como bruxas, foram veneradas, mas também condenadas à fogueira medieval, reverenciadas como mães dos filhos sem direito ao gozo ou vistas como mulheres do prazer, mas não do afeto.

Com o passar dos anos e com a entrada no mercado de trabalho, a situação mudou, mas nem tanto: a maioria das mulheres ficou sobrecarregada com a dupla jornada dentro e fora de casa. No Brasil, cerca de 30% das famílias são chefiadas por mulheres; no entanto, até os dias de hoje perdura a situação desfavorável no mercado: ainda é comum mulheres receberem salários mais baixos exercendo as mesmas funções que os homens, embora elas representem cerca da metade da força de trabalho no mundo.

A cada ano, em muitos países, aumenta a proporção de mulheres chefiando famílias. Este fenômeno, em parte, deriva-se de uma escolha de não manter relacionamentos insatisfatórios, mesmo que isso implique em assumir o ônus total ou parcial do sustento; por outro lado, reflete a falta de compromisso comum entre os homens, que confundem o término do casamento com o término da responsabilidade parental de presença e de sustento financeiro para os filhos.

O fenômeno do aumento do número de mulheres chefiando famílias aponta também para a questão da “feminização da pobreza”: as empregadas domésticas ocupam a maior fatia do mercado de trabalho feminino no Brasil. Nas camadas populares encontram-se boa parte dos casos de mulheres que têm filhos com diferentes companheiros que não contribuem para o sustento dos mesmos, reforçando a cultura da falta de responsabilidade do homem pela paternidade e a idéia de que “os filhos são da mãe”. Como diz um ditado africano: “os homens vão, os filhos ficam”.

Por outro lado, muitos homens se queixam de que as mulheres se apossam dos filhos, não compartilhando com eles a função parental, especialmente após a separação. Em casos piores, há mães que destroem a imagem do pai para os filhos, sabotando o contato, como acontece na síndrome da alienação parental. Isto tem reflexos no judiciário, onde ainda se encontra, em alguns setores, muita resistência ao estabelecimento da guarda compartilhada, cujo objetivo é garantir o direito de convivência dos filhos com ambos os genitores. A falta de infraestrutura de apoio, e a rede institucional deficiente (creches, escolas em horário integral, onde as crianças possam fazer atividades complementares) contribuem para as dificuldades de criar os filhos nessa época de agendas sobrecarregadas com múltiplas demandas e atividades.

Enfim, ainda há um longo caminho pela frente para expandir a parceria eficaz entre homens e mulheres como provedores e cuidadores de seus filhos, em todas as organizações familiares (com pais casados, separados ou em novas uniões).

Evidentemente, isso envolve mudanças mais profundas no modo em que criamos meninos e meninas e como vemos a questão da partilha das tarefas domésticas. Exemplificando: tradicionalmente, limpar a casa, fazer a comida e cuidar da roupa eram atividades que deveriam ser feitas pelas mulheres. Comumente, estas solicitam ajuda às filhas, enquanto os filhos são “poupados” desse trabalho e crescem sem aprender a gerenciar a casa, tornando-se homens dependentes de suas mulheres, embora desenvolvam competências e habilidades múltiplas no campo do trabalho. Por outro lado, se passamos a pensar que “se a casa é de todos, todos colaboram”, passamos a considerar “cuidar da casa” como um “trabalho de pessoas” e não apenas das mulheres. E, então, meninos e meninas participam de todas as tarefas. E, com isso, torna-se possível transformar tarefas rotineiras em momentos de encontro e de convívio significativo. A “maternagem” e a “paternagem” adquirem novos matizes que enriquecem o vínculo entre pais e filhos e a parceria entre homens e mulheres, dentro ou fora do casamento.

Essa mudança da maneira de pensar e de agir é importantíssima para encarar um dos principais desafios dos tempos atuais: a falta de tempo. Quando nos queixamos de não ter tempo, precisamos “criar tempo” modificando prioridades: o que podemos fazer e o que podemos deixar de fazer? Podemos viver mais com menos? Precisamos de tudo que estamos comprando, ou podemos trabalhar menos e dedicar mais tempo às conversas em família? Como podemos administrar o tempo, na busca de um equilíbrio melhor entre trabalho, vida em família e lazer? O que realmente importa para vivermos bem?

A parceria entre homens e mulheres na família e no trabalho requer não apenas essa revisão do cotidiano, dos padrões de consumo e do uso do tempo: na verdade, requer mudanças de toda a sociedade, das relações de trabalho e dos valores fundamentais da vida. Já encontramos empresas que flexibilizam horários de trabalho, reconhecendo que parte das tarefas pode ser feita em casa, e cumprem a lei, por exemplo, de instalar creches no local de trabalho. Muitas empresas estão reconhecendo a necessidade de cuidar melhor do “capital humano” (até porque funcionários satisfeitos produzem mais) e se conscientizando de sua responsabilidade social, gerando ou apoiando projetos de melhoria da qualidade de vida de populações carentes e de preservação ambiental (até porque isto melhora a imagem da empresa junto ao consumidor).

Estamos vivendo uma época de crise mundial, com modelos que estão provando ser insustentáveis: o consumo predatório que exaure os recursos naturais e destrói o meio ambiente, o modelo econômico do lucro ganancioso e da “ciranda financeira” que considera que boa parte da humanidade é composta por “seres descartáveis”. É urgente a transição para modelos que recuperam valores deixados em segundo plano: colaboração, solidariedade, ética de cuidados com os relacionamentos e com nossa “casa planetária”, que demandam uma “revolução da consciência”.

As transformações dos padrões de relacionamento entre homens e mulheres fazem parte do conjunto de mudanças necessárias para atingirmos um novo patamar da evolução humana. Para isso, é necessário superar o medo de efetuar mudanças profundas, até porque já não dá mais para nos acomodarmos aos modelos conhecidos. Homens que desenvolvem a ternura e a sensibilidade, mulheres empreendedoras, que “fazem acontecer” podem se complementar na família e no trabalho, desenvolvendo diferentes estilos de liderança, estabelecendo o clima de “coopetição” (“competição colaboradora”) nas equipes de trabalho. É o caminho para integrar a visão objetiva e pragmática tradicionalmente considerada como característica masculina com a visão sistêmica que elabora as redes de relacionamento e privilegia a escuta, considerada como característica feminina. Todas essas habilidades podem ser desenvolvidas por pessoas, independente do gênero. Essas diferenças podem ser harmonizadas, até porque diferença não é sinônimo de incompatibilidade: ao contrário, servem para enriquecer, ampliar as possibilidades de uma parceria produtiva entre homens e mulheres, na família e no trabalho.